

Educar para a Sustentabilidade pela Redescoberta de Gaia: Relato de Caso sobre a Realização de Oficinas de Formação Pedagógica com Estudantes do Ensino Médio – Curso Normal, em Encruzilhada do Sul, RS, Brasil

Educating for Sustainability through the Rediscovery of Gaia: Case Study on holding Pedagogical Training Workshops with High School Students – Normal Course, in Encruzilhada do Sul, RS, Brazil.

**Christyan Afolter da Rosa Pereira
Tânia Bernhard
Andreia Koche**

Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Santa Cruz do Sul – Rio Grande do Sul - Brasil

Resumo

Pressupondo-se a necessidade de uma educação construcionista, pautada no desenvolvimento de uma pedagogia desenvolvida em projetos, incentivando descobertas e reconstruções do conhecimento, o presente trabalho buscou avaliar a eficácia de oficinas de formação pedagógica realizadas em instituto educacional do município de Encruzilhada do Sul - RS, verificando, a partir de encontros síncronos e aplicação de questionários, as visões das estudantes sobre temáticas como Sustentabilidade, Biodiversidade, Responsabilidade Individual e Protagonismo Docente. O estudo foi realizado durante a realização do Estágio Supervisionado em Biologia II, constante do currículo do curso de Ciências Biológicas - Licenciatura, da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, entre os meses de outubro e dezembro de 2020. Dentre os resultados obtidos, destaca-se a obtenção de respostas qualificadas, as quais foram analisadas de acordo com as premissas da Educação Ambiental Crítica, justificando-se a importância de tal abordagem para a compreensão do mundo contemporâneo.

Abstract

Assuming the need for a constructionist education, based on the development of a pedagogy developed in projects, encouraging discoveries and reconstructions of knowledge, the present work sought to evaluate the effectiveness of pedagogical training workshops held at an educational institute in the municipality of Encruzilhada do Sul - RS, verifying, from synchronous meetings and the application of questionnaires, the students views on topics such as Sustainability, Biodiversity, Individual Responsibility and Teachers' Role. The study was carried out during the Supervised Internship in Biology II, included in the curriculum of the Biological Sciences course - Licenciatura, from the University of Santa Cruz do Sul - UNISC, between the months of October and December 2020. Among the results obtained, the obtaining of qualified responses stands out, which were analyzed according to the premises of Critical Environmental Education, justifying the importance of such an approach for the understanding of the contemporary world.

Palavras-chave

Educação Ambiental.
Formação de Professores.
Escola Normal.

Keywords

Environmental Education.
Teacher training. Normal
School.

1. Introdução

A reflexão sobre as práticas sociais, neste cenário marcado pela degradação permanente do meio ambiente e de seu ecossistema, envolve uma articulação necessária com a produção de sentidos sobre a Educação Ambiental (EA) (JACOBI, 2003). A EA surge em um terreno marcado por uma tradição naturalista: a superação desta marca exige esforço para transpor a dicotomia entre natureza e sociedade, para que se observe as relações da interação permanente entre a vida humana social e a vida biológica da natureza (CARVALHO, 2012). Além disso, é preciso compreendê-la como processo social orientado para finalidades que atendem a padrões de sociabilidade específicos (LOUREIRO, 2019). Mostra-se, igualmente, como ferramenta para sensibilização e capacitação do indivíduo (AZEVEDO et al., 2014).

Longe da defesa de uma Educação Ambiental única no seu próprio entendimento de mundo e forma de agir, parte-se do pressuposto de que é na natureza conflitiva, na diversidade e na disputa de concepções e de espaços na sociedade onde surge sua força e sua legitimidade, garantindo seu espaço nas institucionalidades acadêmicas, nas políticas públicas e nos movimentos sociais que buscam a garantia de direitos, de afirmação das diferenças, de superação das desigualdades entre as classes sociais e, sobretudo, de construção de outro patamar societário (LOUREIRO e LAYRARGUES, 2013).

Conforme Frizzo e Carvalho (2018), o interesse da sociedade pelas questões ambientais influencia a construção de políticas públicas, a exemplo da legislação relacionada à EA já existente nos níveis básico e superior da educação brasileira, que embasam e regulam as ações desenvolvidas nas instituições escolares, desafiando-as a pensar em um currículo que inclua a preocupação com o meio ambiente. Tais autoras apontam o silenciamento feito à Educação Ambiental nas últimas políticas públicas direcionadas aos sistemas de ensino, sobretudo no Plano Nacional de Educação e na Base Nacional Comum Curricular, datados de 2014 e 2017. Segundo Oliveira e Neiman (2020), esses fatos evidenciam o retrocesso ante a regulamentação anterior, pois o Governo Federal ignorou totalmente o assunto e publicou um documento com a notória ausência da EA. Educar ambientalmente significaria, neste caso, além de apropriação dos conceitos e processos referentes ao meio ambiente, a aquisição de visões de mundo que possibilitem o respeito a todas as formas de vida, entendendo que a vida só se constitui pelas complexas teias tecidas no entrelace dos elementos naturais e socioculturais (LISBOA e KINDEL, 2012).

No panorama contemporâneo, verificam-se distintos acontecimentos presentes nas mídias sociais, abarcando desde o bem-estar animal até crimes ambientais, cujas consequências refletem na perda da biodiversidade e do patrimônio natural, materializando todo o corrompimento da relação homem-natureza, estabelecida pela toxicidade do modo de produção capitalista. Neste prisma, o impacto causado pela ação humana no ambiente natural é incalculável, havendo outra situação complexa: a perda da cultura e dos saberes vinculados às comunidades tradicionais, que veem seu modo de vida totalmente descaracterizado, sendo forçadas ao abandono de suas práticas sociais seculares (DALLA NORA e SATO, 2015). O enfrentamento destes problemas ambientais atuais exige que a educação seja mediadora da atividade humana, articulando teoria e prática (BERNARDES e PRIETO, 2010). Além disso, promover um novo olhar para o mundo – ou seja, desenvolver uma nova cultura – vai além das mudanças mecânicas de hábitos, implicando na mudança de prática e, sobretudo, da dimensão/formação ideológica desta prática, onde o indivíduo, para adaptar-se à nova cultura, precisará

rever as opiniões, valores, preconceitos, interesses e julgamentos, que vêm a embasar e significar tais práticas (CORRÊA e BARBOSA, 2018).

A ação dos professores é imperativa para o processo da Educação Ambiental no âmbito escolar, pois sua prática profissional comporta situações problemáticas que exigem o estabelecimento constante de posições e enfrentamento de forças e de poder, que são reprodutórios da dinâmica social (TORALES, 2013). Paulo Freire inspira reflexões que encaminham para uma efetivação da Educação Ambiental Crítica, valorizando a voz do outro, a colaboração, os laços comunitários, a construção de um pensamento e de uma consciência crítica em relação ao mundo onde se vive. Nessa perspectiva, as ações pedagógicas não se motivam unicamente pelo reconhecimento dos problemas existentes, mas pela busca da transformação mediante o estabelecer de posturas mais sustentáveis e comprometidas com a totalidade (ARRAIS e BEZERRIL, 2020).

Na sociedade contemporânea, a relação que se estabelece entre os indivíduos humanos e o meio ambiente causa, cada vez mais, impactos complexos, tanto em termos quantitativos como qualitativos, inferindo nas condições de vida das populações, na capacidade de suporte planetária e na garantia da qualidade de vida das gerações futuras (JACOBI, 2007). A Educação Ambiental constitui-se como dimensão essencial da Educação, vista como um processo de desenvolvimento, e considerá-la um tema, dentre tanto, provoca-lhe uma dupla redução: primeiro, porque a E.A. lida com um problema complexo, o meio ambiente, que não é outra coisa senão uma realidade vital, intrínseca e integrante de nossas vidas e de todos os seres; e em segundo e último lugar, porque remete à realidade trinitária, sugerida por Edgar Morin, que está na base do desenvolvimento pessoal e social: indivíduo-espécie-sociedade, onde, nessa tríade, um vocábulo relaciona-se ao outro, complementando-se (VIEIRAS e TRISTÃO, 2016).

A E.A., por não estar presa a uma grade curricular rígida, pode ampliar conhecimentos em uma diversidade de dimensões, sempre estabelecendo seu foco na sustentabilidade ambiental local e do planeta, aprendendo com as culturas tradicionais, estudando as dimensões da ciência e abrindo as janelas para a participação em políticas públicas de Meio Ambiente, bem como para a construção de conhecimentos no âmbito dos espaços escolares (SORRENTINO et al., 2005).

Uma visão holística da Educação demanda um novo modo de relação do ser humano com o mundo, uma nova visão de cosmos, de natureza, da sociedade, do outro e de si próprio, constituindo-se em urgência assumir a necessidade de aprendizado da vida em um mundo globalizado, compreendendo assim a importância de sentir-se cidadão no mundo, e reconhecendo-se enquanto sujeito ativo e protagonista de mudanças sociais. Estas mudanças que ocorrem na atualidade sinalizam para a necessidade de formação de profissionais reflexivos para a educação (BERNHARD e OAIGEN, 2016).

Redescobrir Gaia, neste espectro, surge como a esperança de acreditar em um futuro melhor para todos, visto que apenas reconstruindo-se a si próprios e apontando rumos diferentes para as novas gerações estaremos construindo um planeta com equidade de recursos para todos os povos, mais democrático e pacífico, começando pelo eixo local de inserção. É com este entendimento que considerou-se fundamental a contemplação, dentro da formação dos futuros educadores, da Educação Ambiental e de seus múltiplos olhares, vindo a contribuir com seus saberes docentes, garantindo uma prática que seja plural e atenda às realidades dos estudantes, vislumbrando seu lugar de mundo e tudo aquilo que os cerca. O objetivo deste trabalho foi avaliar qualitativamente a aplicabilidade de Oficinas de Formação Pedagógica

desenvolvidas no Estágio Supervisionado em Biologia II, realizado em Instituto Educacional com curso de habilitação em Curso Normal (Magistério), no município de Encruzilhada do Sul, RS, no ano de 2020.

2. Material e métodos

Frente aos entendimentos elencados, o presente trabalho foi desenvolvido nas turmas de 2º e 3º anos do Ensino Médio – Curso Normal, de uma Escola Estadual localizada no Centro do município de Encruzilhada do Sul – RS, durante a disciplina de Estágio em Biologia II, do currículo do curso de Ciências Biológicas – Licenciatura, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Participaram da pesquisa vinte estudantes, pertencentes ao turno da manhã, da referida instituição de ensino, com faixas etárias entre 16 e 19 anos de idade. As atividades desenvolveram-se na disciplina de Didática das Ciências da Natureza, totalizando-se 30 horas de atividades, desenvolvidas durante os meses de outubro a dezembro de 2020, com pleno acompanhamento da Professora Titular do referido componente curricular. As atividades foram efetuadas de forma totalmente *online*, nas formas síncrona e assíncrona, devido à pandemia do Coronavírus que atingiu o mundo no ano de 2020, envolvendo a realização de encontros semanais (através da plataforma Google Meet), elaboração de jogos e materiais didáticos (em duplas e trios, à distância), e aplicação de questionários.

Inicialmente, foi realizada uma reunião com as turmas, onde foi apresentada a proposta do projeto, retirando-se as dúvidas das estudantes participantes e expondo a metodologia que seria utilizada nas aulas seguintes, bem como lido e disponibilizado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Participação na Pesquisa, o qual foi preenchido por todas as estudantes, das duas turmas.

As temáticas apresentadas nos encontros síncronos estavam dispostas em cinco eixos, os quais: 1 - histórico e conceitos de Educação Ambiental e a definição de Sustentabilidade; 2 - correntes e linhas teórico-metodológicas da E.A.; 3 - Meio Ambiente como tema transversal (E.A. para a Sustentabilidade, Carta da Terra, ODSs, Mapeamento de Problemas e Potencialidades Locais, elaboração de propostas de intervenção, público da Educação Ambiental); 4 - papel do Professor na Educação Ambiental, Legislação Educacional e E.A., propostas para Educação Infantil e Ensino Fundamental na BNCC; 5 – concepção e confecção de jogos e materiais didáticos em Educação Ambiental.

Cada conteúdo anteriormente elencado foi trabalhado em encontro síncrono, realizado na plataforma Google Meet (com gravação disponibilizada posteriormente no aplicativo Google Classroom, na pasta de cada turma). Após cada aula, era disponibilizado no aplicativo o material em *slides* referente ao tema trabalhado, e postado um questionário sobre o assunto discutido, envolvendo questões de múltipla escolha e questões descritivas (onde eram solicitadas as opiniões e argumentos das estudantes sobre diferentes situações), e um questionário de autoavaliação sobre cada encontro. Além de validarem a presença na disciplina, os documentos permitiram a análise das visões de mundo das estudantes, essenciais para a construção deste trabalho, que analisou qualitativamente as respostas coletadas, de acordo com as referências textuais da área da Educação Ambiental, relacionando-as. O principal objetivo da aplicação destas técnicas foi a análise de Educação Ambiental e Meio Ambiente sob o prisma da Transversalidade, buscando o registro das distintas visões de mundo e formações socioculturais dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

3. Resultados e discussões

A pretensão de transformar temáticas a serem destacadas em problemas, interrogações, significa propagarmos uma ação pedagógica baseada na pergunta ou no intuito de suplantarmos uma visão fragmentada do real. A Educação Ambiental que defendemos tem como principal objetivo desvendar essas relações, tornando-as o mais claras possíveis, para que, assim, as ações e decisões dos sujeitos nas experiências exitosas ou nas soluções viáveis-possíveis a partir de um ponto de vista não-fragmentário ou dicotômicas sejam corretas. Damos conta da Educação Ambiental, em uma sociedade de risco, implica justamente em desvendarmos uma ética que esteja fundamentada no reconhecimento do outro como sujeito diferente de si, ao mesmo tempo e, por conta disso, digno do maior respeito. E a alteridade, nesse caso, tanto pode ser outro cidadão, como também a natureza. Nada de espontaneísmo ou determinismo, pois destaca-se a dinâmica, visto que a consciência possui desenvolvimento na existência coletiva, relativizada ou condicionada pelas condições concretas da vida (RUSCHEINSKY e COSTA, 2012). Foi com esta compreensão que realizamos a tabulação e análise das respostas obtidas nos questionários aplicados, escolhendo-se algumas das perguntas constantes nas verificações.

No encontro 01 abordou-se a conceituação da EA e seu histórico, relacionando-a com os acontecimentos políticos, econômicos e ambientais de cada período. Perguntou-se, a partir de uma citação do Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global, os questionamentos: “Como você definiria Educação Ambiental antes da apresentação realizada no encontro de hoje? Você modificou sua visão a respeito do tema? Em que sentidos? Como você percebe o “Mundo” na atualidade e como se vê nele? Que protagonismo exerce perante a natureza? Explique.”. Dentre algumas das respostas que obtivemos, destacamos: *“Para mim, a Educação Ambiental era um traço do aparelho hegemônico, que fazia as crianças acreditarem que o problema do mundo seria resolvido ao fechar a torneira, obstruindo os grandes motivos da deterioração do meio ambiente. Mas a Educação Ambiental vai além disso, ela também cria seres críticos e conscientes”*; e *“Vejo no mundo uma sociedade consumista, que perde o seu tempo de vida trabalhando para comprar o tempo de vida de outras pessoas e, no meio disso, temos os recursos naturais, que estão sendo esgotados. Me vejo como uma pessoa consciente em relação ao desequilíbrio, esperançosa em relação à mudança, mas ainda minoria. Luto por pautas sustentáveis, existem várias formas de cooperar com o meio ambiente e uma delas é o consumo consciente, outra é escolher representantes que também lutam por essa pauta. Jogar lixo no lixo é o mínimo.”*. Destacamos também a resposta de outra estudante, que salientou, nos primeiros questionamentos: *“Sim, mudei a minha forma de pensar. Anteriormente, quando alguém me fava sobre algo relacionado ao meio ambiente, já pensava ‘Pronto, é a velha história de salve as espécies!’”. Mas percebo agora que é muito mais que apenas salvar as espécies, é amor, respeito, trabalhar de uma forma coletiva, não-individual”*.

No segundo encontro, apresentou-se as diferentes correntes e linhas teórico-metodológicas da Educação Ambiental. Questionamos, dentre outras, “Como você percebe o ensino de Ciências e, especialmente, dos conceitos de Natureza e Meio Ambiente para os estudantes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental? Refletindo, explore ainda mais sua resposta descrevendo como você foi ensinado(a) a respeito destes temas, e se você permanece com esta visão na atualidade.”. Uma das respostas mais significativas que analisamos foi: *“Eu*

vejo o ensino de Ciências da Educação Infantil e do Ensino Fundamental como algo concreto e importante, sempre abrangendo conhecimentos importantes e de valor para a vida do ser humano. Quando era criança, me lembro vagamente de ser ensinada sobre o meio ambiente, mas teve uma atividade que nunca esqueci. Não lembro em qual série estava, mas lembro que cada um de nós recebeu uma sacolinha, e colocamos luvinhas descartáveis nas mãos, e fomos ao pátio da escola catar lixinhos, do tipo copo descartável, papel, garrafinhas pet, e etc... Permaneço com a mesma ideia de cuidado, não atiro coisas no chão, e estou sempre cuidando o pátio e a frente de casa para estarem sempre limpas.”.

No encontro 03, apresentou-se a Transversalidade do temário Meio Ambiente, abordando-se contextualizações referentes ao cenário político e social brasileiro e mundial, bem como as ações de protagonismo ambiental que se destacam na atualidade. Questionou-se, dentre outras indagações, “Explique, sob o ponto de vista educacional, a importância da Educação Ambiental trabalhar os diferentes enfoques (educacional, ambiental, social, econômico e político) de maneira integrada, e defina o papel do educador neste processo.”; “Comparando os posicionamentos do atual titular da pasta do Meio Ambiente com os acontecimentos ambientais recentes (principalmente as queimadas na Amazônia e no Pantanal, e a busca pela flexibilização das áreas litorâneas para construção de condomínios), responda: ‘Política não se discute’ ou, pelo contrário, deve passar a integrar mais espaço nas pautas educacionais e sociais? Justifique.”; “Quando Greta Thunberg refere-se ao ‘nosso futuro comum’, qual é o seu posicionamento, enquanto cidadã(o) e futura(o) educador(a) referente à temática protagonismo? Ações individuais podem surtir efeito nas escalas locais e/ou globais? De que forma?” e “É possível fazer abordagens críticas de forma construtiva, com o objetivo de ampliar horizontes e estimular o desenvolvimento do senso crítico-avaliativo? Justifique.”. Destacamos, respectivamente, para estes questionamentos as respostas seguintes: “O sistema de produção que abusa dos recursos ambientais é o mesmo que gera e mantém a desigualdade social. É necessário promover oportunidades educativas que possibilitem a todos acesso ao conhecimento sobre desenvolvimento sustentável e sobre o funcionamento do sistema que o degrada, e nessa linha, apoiar a cooperação científica e técnica relacionada à sustentabilidade.”, “A questão decisões políticas para situações tão significativas precisa ser tomada de forma conjunta, com a participação popular. Com a soma de questões teóricas e técnicas, juntamente com uma forte educação de base, tornar-se-á de grande valia a criação de conselhos participativos, onde de forma paritária as discussões serão abordadas e a tomada de decisões será feita em conjunto, evitando assim a parcialidade por questões políticas que possam retroceder as questões ambientais. A questão educacional, ambiental, social, econômica e política é interdependente.”; “Política deve, com certeza, integrar as pautas educacionais e sociais. Enquanto se perpetua a crença de que ‘política não se discute’ passam muitas ‘boiadas’, pois muitos dos projetos de lei são aprovados sem que a população nem questione seus impactos e participe dessas decisões”, “Enquanto seguirmos na pauta de que a ‘política não se discute’, continuaremos empilhando problemas e desastres os quais vendem como naturais, mas são frutos de má fiscalização (ou até mesmo nenhuma) por parte das gestões governamentais. Precisamos cada vez mais de uma conscientização da população através dos espaços nas pautas educacionais e sociais. Desta forma, além de conseguirmos de forma mais competente evitarmos catástrofes, manteremos longe do poder público quem pouco ou nada se importa”; “Nós temos um futuro e uma responsabilidade comum, enquanto espécie, frente às questões ambientais e climáticas. Ações como a de Greta Thunberg surtem efeitos em escala global, à

medida que trazem para o debate a urgência de discutirmos ações ambientais”; e “Sim, é possível. Toda crítica com embasamento teórico, sem extremismos e com a mente aberta a novas considerações construtivas é válida. Precisamos também estarmos abertos, enquanto educadores, a desenvolvermos nosso senso crítico-avaliativo com ideias e pensamentos diferentes aos nossos. Muitas vezes é desta forma que encontraremos a informação de que precisamos: com quem pensa diferente da gente. Acredito ser uma via de duas mãos”.

As atividades do encontro 04 objetivaram a correlação das competências dispostas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para a Educação Infantil (através dos Campos de Experiências) e para o Ensino Fundamental (na disciplina de Ciências) com abordagens em EA, procurando explorar a capacidade de planejamento das estudantes. No encontro 05, pautou-se as instruções para confecções dos jogos, em seguimento ao encontro anterior, e onde obteve-se, nos materiais construídos, as temáticas de Agroecologia, Biodiversidade do Bioma Pampa, Poluição, Conscientização e Reciclagem. As justificativas dos mesmos estiveram pautadas na importância do trabalho em sala de aula destas questões, destacando-se a participação da professora nos momentos lúdicos, estimulando a tomada de decisões e tratando os assuntos de forma didática e interativa para a faixa etária.

Baseando-se no que foi vivenciado e relatado, podemos afirmar que se a temática ambiental encontra-se inserida de maneira tênue e não-definitiva na formação do sistema educacional, na agenda da política efetivamente constitui-se como objeto de conflito e permanece como um dos embates fundamentais quanto ao significado a ser assumido no que refere-se a uma cultura ambientalista (RUSCHEINSKY, 2012).

As atividades aplicadas seguiram a tendência da Educação Ambiental Crítica, observando três situações pedagógicas: a efetuação de uma análise consistente da conjuntura complexa da realidade, com fins de possuir os fundamentos necessários para questionar os condicionantes sociais historicamente produzidos que implicam a reprodução social e geram as desigualdades e os conflitos ambientais; o trabalho da autonomia e da liberdade dos agentes sociais perante as relações de expropriação, opressão e dominação próprias da modernidade capitalista; e a implantação da transformação mais radical possível do padrão societário dominante, no qual se definem a situação de degradação intensiva da natureza e, em seu interior, da condição humana (LOUREIRO e LAYRARGUES, 2013).

Politizar a questão ambiental implica em desenvolver a qualidade de vida e a compreensão da importância de conquistar e introduzir qualidade às próprias vidas, para aqueles que ainda não a possuem, ou lutar pela expansão da qualidade de vida para aqueles que já conquistaram alguma. Tal politização remete à ampliação e consolidação da cultura democrática no interior da sociedade. Por mais que a Educação não se constitua como panacéia capaz de remediar todos os males sociais, pode contribuir para a realização de dois eixos fundamentais para uma sociedade plural e emancipatória: as democratizações da Sociedade e do Estado (LIMA, 2002). Abordar as questões ambientais, educacionais, políticas e socioeconômicas, neste trabalho, vem com o objetivo de ampliar a visão sobre esta teia cujos aspectos estão fortemente relacionados.

4. Conclusões

Faz-se urgente a produção de gritos em campos desguarnecidos de proteção social pelo grande capital, pois sem a ampliação de investimentos em saúde, educação e proteção

ambiental, estaremos condenados(as) a sucumbir em crises socioambientais que acentuam-se cada vez mais, com efeitos severos à saúde de todo o planeta (COSENZA et al., 2020).

Propuseram-se as reflexões elencadas com o intuito de verificar, mesmo na inconstância das políticas públicas, cenário para o trabalho da Educação Ambiental com comprometimento e responsabilidade. As respostas obtidas nos certificam de que influenciou-se, positivamente, a trajetória das estudantes do Curso Normal, fornecendo-lhes a base para a construção dos conhecimentos socioambientais, e o incentivo para seguirem a busca de informações e de meios para sua multiplicação. Tudo o que foi produzido despertou inúmeras significações, movendo-nos para o enfrentamento dos desafios e, no coletivo, para a redescoberta e para a desconstrução do que se tinha como verdade, pois, na Modernidade Líquida, faz-se necessário seguir caminhando, em uma eterna busca para exercer, criticamente e de forma coerente, a docência. Mais do que acreditar na Ciência, é preciso encontrar, em meio às tantas desigualdades e ao cenário mortal que nos envolve, por hora, a força e a motivação que necessitamos para seguir acreditando em sociedades justas, igualitárias, democráticas e participativas, onde o afeto possa ser expresso de forma desmedida e sem restrições, e onde cada ser humano possa encontrar qualidade de vida, significando sua vida e construindo sua felicidade. “São muitas as auroras que ainda não despontaram”: redescobrir Gaia, neste cenário, é refletir sobre quem somos e buscar a melhoria não só internamente, mas do Mundo como um todo, a partir de uma atuação coerente, ética e justa, aplicando nossas (des/re)construções em ações futuras, visando o bem comum.

Referências

1. ARRAIS, A. A. M.; BIZERRIL, M. X. A.. A Educação Ambiental Crítica e o Pensamento Freireano: tecendo possibilidades de enfrentamento e resistência frente ao retrocesso estabelecido no contexto brasileiro. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande*, v. 37, n. 1, p. 145-165, jan/abr. 2020.
2. AZEVEDO, L. A. V.; GENOVESE, C. L. C. R.; GENOVESE, L. G. R. Educação Ambiental na Escola: uma Prática Indispensável para a Conscientização Ecológica. *Revista de Educação, Ciências e Matemática*, v. 4, n. 2, mai/ ago. 2014.
3. BERNARDES, M. B. J.; PRIETO, É. C.. Educação Ambiental: Disciplina versus Tema Transversal. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande*, v. 24, jan/jul. 2010.
4. BERNHARD, T.; OAIGEN, E. R.. Formação Inicial em Ciências Biológicas na Visão Holística do Professor Reflexivo: uma Análise diante do Paradigma de Educação para o Desenvolvimento Sustentável. *Mercosur em Revista*, v. 1, n. 1, p. 67-79, dez. 2016.
5. CARVALHO, I. C. M.. Educação Ambiental: a Formação do Sujeito Ecológico. Cortez, 2012, 6. ed.
6. CORRÊA, T. H. B.; BARBOSA, N. A. P.. Educação Ambiental e Consciência Planetária: uma Necessidade Formativa. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande*, v. 35, n. 2, p. 125-136, maio/ago. 2018.

7. COSENZA, A.; SANCHEZ, C.; MARCOMIN, F. E.; BARZANO, M.; GUIMARÃES, M.; SATO, M.; LAYRARGUES, P.. Voos e Pousos nas Janelas Existenciais da Educação Ambiental. *AmbientALMENTEsustentable*, v. 27, n. 1, p. 7-19, jan./jun. 2020. <https://doi.org/10.17979/ams.2020.27.1.6596>
8. DALLA NORA, G.; SATO, M. "Água e Vento são meio sustento": aspectos teórico-conceituais a serem considerados na pesquisa em Educação Ambiental e mudanças climáticas. *ambientALMENTEsustentable*, ano X, vol. 2, n. 20, p. 235-247, jul/dez. 2015. <https://doi.org/10.17979/ams.2015.2.20.1609.1602>
9. FRIZZO, T. C. E.; CARVALHO, I. C. M.. Políticas Públicas atuais no Brasil: o Silêncio da Educação Ambiental. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. Rio Grande, Ed. Especial EDEA*, n. 1, p. 115-127, 2018.
10. JACOBI, P. Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade. *Cadernos de Pesquisa*, n. 118, p. 189-205, março/ 2003.
11. JACOBI, P. Educar na Sociedade de Risco: o Desafio de Construir Alternativas. *Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 2, n. 2, p. 49-65, 2007. <http://dx.doi.org/10.18675/2177-580X.vol2.n2.p49-65>
12. LIMA, G. F. C.. Crise Ambiental, Educação e Cidadania: os Desafios da Sustentabilidade Emancipatória. In.: LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. S.; LOUREIRO, C. F. B. (orgs.). *Educação Ambiental: Repensando o Espaço da Cidadania*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 109-141.
13. LISBOA, C. P.; KINDEL, E. A. I. 2012. *Educação Ambiental: da Teoria à Prática*. Porto Alegre: Mediação. 144 p.
14. LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P. Ecologia Política, Justiça e Educação Ambiental Crítica: Perspectivas de Aliança Contra-hegemônica. *Rio de Janeiro, Trab. Educ. Saúde*, v. 11, n. 1, p. 53-71, jan/abr. 2013.
15. LOUREIRO, C. F. B. Questões Ontológicas e Metodológicas da Educação Ambiental Crítica no Capitalismo Contemporâneo. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* 2019. *Rio Grande*, v. 36, n. 1, p. 79-95, jan./abr. 2019.
16. OLIVEIRA, L.; NEIMAN, Z. Educação Ambiental no Âmbito Escolar: Análise do Processo de Elaboração e Aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). *Revbea*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 36-52, 2020. <https://doi.org/10.34024/revbea.2020.v15.10474>
17. RUSCHEINSKY, A. As Rimas da Ecopedagogia: perspectiva ambientalista e crítica social. In.: RUSCHEINSKY, A. *Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas*. Penso, 2012. p. 77-92.
18. RUSCHEINSKY, A.; COSTA, A. L. A Educação Ambiental a partir de Paulo Freire. In.: RUSCHEINSKY, A. *Educação Ambiental: Abordagens Múltiplas*. Penso, 2012. p. 93-114.

19. SORRENTINO, M.; TRAJBER, R.; MENDONÇA, P.; FERRARO JÚNIOR, L. A. . Educação Ambiental como Política Pública. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 285-299, maio/ ago. 2005.
20. TORALES, M. A.. A inserção da Educação Ambiental nos Currículos Escolares e o Papel dos Professores: da ação escolar à ação educativo-comunitária como compromisso político-ideológico. Revista Eletrônica Mestr. Educ. Ambient., Rio Grande, v. especial, março de 2013.
21. VIEIRAS, R. R.; TRISTÃO, M.. A Educação Ambiental no Cotidiano Escolar: Problematizando os Espaçostempos de Formação como Processos de Criação. Revista Educação, Santa Maria, v. 41, n. 1, p. 159-170, jan./ abr. 2016. <https://dx.doi.org/10.5902/1984644416129>